



MULHERES NA CIÊNCIA

Em 2022, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFRN lançou o Edital nº 8/2022, com o objetivo de abrir espaço prioritariamente a mulheres pesquisadoras. A iniciativa nasceu com a perspectiva de valorizar a produção científica das estudantes do Instituto, além de gerar referência e incentivo a outras mulheres que também passariam a vislumbrar na pesquisa e na inovação uma carreira possível. Esta edição do Jornal.IFRN traz alguns dos resultados obtidos com esse edital, fazendo uma homenagem ao trabalho desenvolvido por todas as mulheres desta Instituição.



Matérias Especiais: confira resultados alcançados pelo Edital nº 8/2022 da Propi/IFRN



Elas por Elas: conheça a história de mulheres que dedicam a vida ao ensino e à pesquisa



Cultura: estudantes e servidoras expressam-se por meio de palavras e traços

EXPEDIENTE

Responsável pelo Jornal.IFRN — Assessoria de Comunicação Social e Eventos (Asce)

EQUIPE:

Clara Bezerra – assessora de Comunicação Social e Eventos
Cleyton Fernandes – coordenador do Núcleo de Jornalismo
Jorge Henrique – diagramador
Nivaldo Fonseca – coordenador do Núcleo de Design
Eduardo Fernandes – colaborador da Funcern
Luciano Vagno – colaborador da Funcern
Max Praxedes – colaborador da Funcern
Habyner Lima – estagiário de Jornalismo
Henrique Monte – estagiário de Jornalismo
Ramon Soares – estagiário de Jornalismo

GESTÃO:

José Arnóbio – reitor
Dante Moura – pró-reitor de Ensino
Samira Delgado – pró-reitora de Extensão
Avelino Neto – pró-reitor de Pesquisa e Inovação
Antônia Silva – pró-reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
Juscelino Cardoso – pró-reitor de Administração
Valéria Regina – diretora de Gestão de Atividades Estudantis
Lorena Faustino – diretora de Gestão de Pessoas
André Gustavo – diretor de Gestão de Tecnologia da Informação

Olá

A chegada de um novo ano letivo é marcada por novos encontros. É hora de, sem deixar para trás o que passou, darmos um novo passo em direção ao futuro que nos espera. Não podemos esquecer o que foi feito para chegarmos ao que virá. Neste mês de março, o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), através dos seus 22 campi, do Polo e Inovação Centro de Tecnologia Mineral e da Reitoria dá início a mais uma jornada.

Nesta nova caminhada, apesar de reconhecermos a importância de cada um que compõe e completa o IFRN, queremos começar destacando o papel das mulheres, daqui e de todos os lugares. O trabalho que realizam e os espaços e oportunidades que vêm conquistando ao longo da nossa história são muitos, mas ainda carecem de reconhecimento e luta por equidade quanto à valorização do que fazem.

A 9ª edição do Jornal.IFRN é estruturada a partir dos projetos desenvolvidos através da ação “Mulheres Jovens Cientistas”, um fomento do Edital 8/2022 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propi/IFRN), e conta com relatos e experiências de mulheres importantes na área da pesquisa e em outras atuações na sociedade e no mundo. No IFRN não é diferente. Atualmente, o Instituto conta com 15.200 estudantes do gênero feminino; são mais de 550 servidoras docentes e 500 técnicas-administrativas.

Em 2022, 47 Grupos de Pesquisa foram liderados por mulheres e 166 projetos de Extensão tiveram coordenação feminina. Assim como no Ensino, na Pesquisa e Inovação e na Extensão, a Gestão do IFRN também conta com a participação de mulheres: são 32 gestoras e 123 coordenadoras que dão vida e funcionamento ao Instituto.

Assim, todo o material utilizado para a produção desta edição foi baseado nas vivências de mulheres que, muito além de flores, florescem no trabalho que realizam, nos resultados que alcançam e nos espaços que conquistam.

Boa leitura!

Pesquisa do IFRN analisa o empoderamento feminino

Trabalho investiga o percurso de vida de mulheres que venceram condicionamentos sociais e se destacaram no que fazem

Por Luciano Vagno



O que a brasileira Nísia Floresta, a paquistanesa Malala You-safzai e a britânica Ann Cotton têm em comum? São símbolos de empoderamento feminino. Em meio a uma sociedade onde a participação feminina nos espaços de poder e decisão é inferior à presença masculina, ações como o projeto de pesquisa “Percurso formativo e autoformativo de mulheres para seu empoderamento social” dão seguimento aos esforços dessas três mulheres e suas atuações na História.

EVOLUÇÃO HUMANA

A pesquisa é desenvolvida pelas estudantes Brenna Bessa, Camille Lorrany e Hanani Oliveira, do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer, do Campus Natal-Cidade Alta do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). O trabalho tem o objetivo de identificar e analisar o percurso formativo e autoformativo de mulheres para seu empoderamento social no processo de evolução humana.

A ideia surgiu a partir da coordenadora do projeto, professora Sonia Cristina Ferreira Maia. Ela conta que a inspiração foi sua própria história de vida: “Por ter sido aluna de escola pública a vida inteira, por ter conseguido subir vários degraus socialmente e ter conseguido mudar a minha realidade e a da minha família”. A professora conta ainda que, assim como ela, muitas mulheres podem influenciar outras a se empoderar.

AUTOFORMAÇÃO

Por “autoformação” entende-se o processo educativo que se desenvolve ao longo da vida e vai além da formação escolar, envolvendo a vivência do indivíduo. Camille Lorrany, uma das pesquisadoras, diz que o trabalho também foi importante para quem o produziu. “A gente vê as histórias, os pontos culminantes que aconteceram na vida dessas mulheres, onde elas chegaram, o desenvolvimento delas, como, em meio às dificuldades, elas cresceram e tiveram um empoderamento”.

Para a estudante Brenna Bessa, um trabalho com essa abordagem é necessário, pois mostra os desafios de mulheres para alcançar o lugar onde elas desejam chegar. “É importante para servir de inspiração para outras mulheres. Elas precisam tomar

consciência do potencial que têm, precisam saber que elas podem, sim, ocupar os mesmos lugares que os homens”.

Segundo a coordenadora do projeto, pode-se constatar que, mesmo diante dos desafios impostos socialmente, as mulheres entrevistadas “não se eximiram das tarefas a serem cumpridas e foram à luta”. Com o fruto da pesquisa, está sendo desenvolvido um portfólio com a história de mulheres que se destacam em suas profissões no RN.

MULHERES MIL

Entre as ações do IFRN que buscam valorizar a autonomia feminina está o Programa Mulheres Mil. Através da iniciativa, busca-se garantir o acesso à formação profissional e à elevação da escolaridade de mulheres do Norte e do Nordeste. Tendo como eixos a educação, a cidadania e o desenvolvimento sustentável, o Programa possibilita a inclusão social, através da oferta de uma formação voltada à autonomia e à criação de alternativas para a inserção de suas participantes no mundo do trabalho.

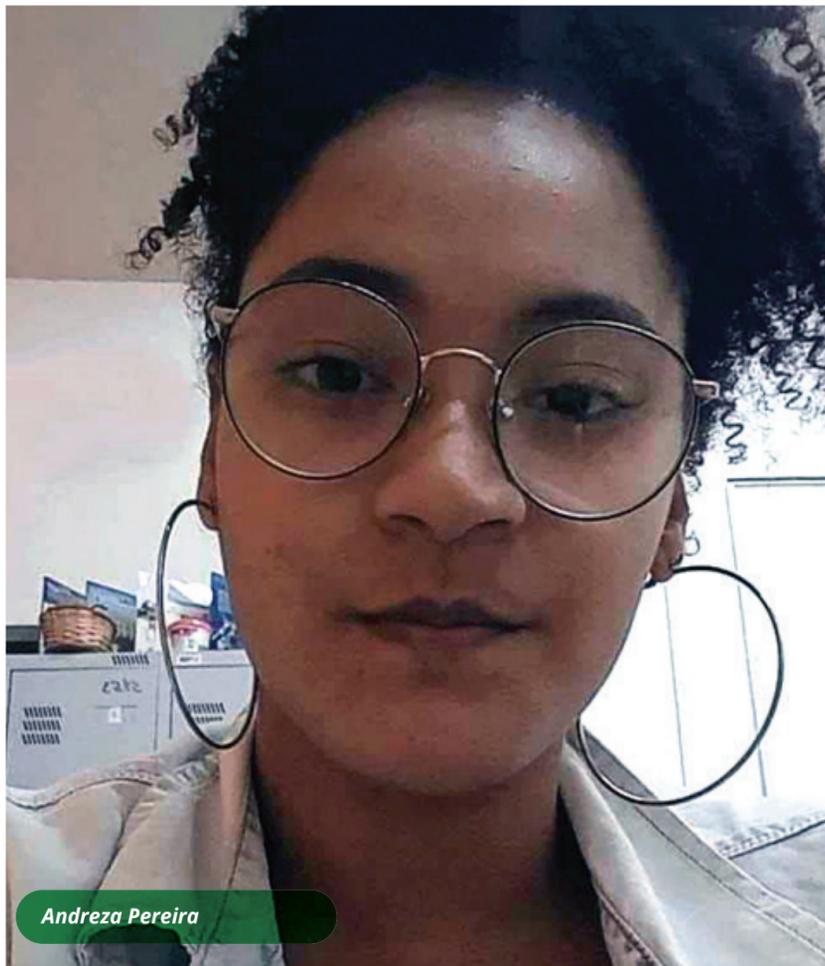
PRIMEIRA FEMINISTA DO BRASIL

Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta, foi a primeira feminista brasileira a criticar as injustiças de gênero. Em 1832, a potiguar publicou o livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, tradução livre de uma obra inglesa, que estimulou a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. No Rio de Janeiro do século XIX, a escritora revolucionou a educação para meninas, defendendo as mesmas condições de ensino que os homens. Na década de 1940, a cidade em que a escritora nasceu, antiga Papari, passou a se chamar Nísia Floresta em sua homenagem.

Projeto do IFRN estimula formação matemática de estudantes

Grupo de pesquisa investiga episódios da história da Matemática e seu uso pedagógico na formação de estudantes

Por Ramon Soares



Andreza Pereira

Os cálculos matemáticos, embora surpreenda muitas pessoas, estão presentes na História da humanidade. A Matemática marca um importante passo do desenvolvimento humano e, assim como o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), abre possibilidades para amantes de cálculos, números e teorias.

Composto pelas estudantes Andreza Gabriely de Freitas Pereira, Rayssa Beatriz Ribeiro Cavalcante e Lurdes Beatriz Oliveira Silva, do Campus Natal - Zona Norte, o projeto intitulado "Al-Khwarizmi e Omar Khayyam: investigando similaridades e diferenças entre álgebra e geometria" busca incentivar um maior interesse de alunas do ensino médio para o campo da iniciação científica, em particular, da Matemática.

A atividade integra um grupo maior de ações que auxiliam o processo de ensino e aprendizagem de matemática no ensino médio, desenvolvendo projetos de iniciação científica sobre fatos da história da Matemática. O projeto, orientado pelo professor Severino Gomes, atua com foco em duas obras matemáticas da época do império islâmico medieval: o livro sobre o cálculo de álgebra e al-muqabala, de Al-Khwarizmi, e o Tratado sobre as Demonstrações dos Problemas de Álgebra e al-Muqabala, de Omar Khayyam.

No desenvolvimento das atividades do projeto, as jovens pesquisadoras realizaram um estudo investigativo preliminar entre os dois tratados algébricos, buscando similaridades e diferenças entre eles. O objetivo principal foi estabelecer comparações entre os tratamentos algébricos e geométricos na resolução de equações polinomiais de segundo grau nas duas obras históricas. Ao fim da pesquisa, as estudantes apresentaram os resultados parciais na Semana de Ciência e Tecnologia do Campus Natal - Zona Norte do IFRN, e a conclusão continua em andamento.

Severino Gomes, orientador do projeto, destacou o desenvolvimento pessoal e acadêmico das estudantes e salientou a importância da atividade no processo: "Observou-se a importância na formação intelectual e pessoal das pesquisadoras em relação à aprendizagem matemática, à autonomia nos estudos, à sociabilidade, à responsabilidade e ao desenvolvimento de atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica", disse.

MULHERES CIENTISTAS

Andreza Pereira, agora egressa do IFRN e do projeto, afirmou que fazer parte foi desafiador, mas enxergou a importância da realização da pesquisa e persistiu: "Participar do projeto foi um desafio, pois eu não me identificava com essa parte da matemática. Ao longo do projeto, vi a importância de toda a pesquisa que meu grupo estava fazendo, e como seria bem mais fácil usar esses métodos que pesquisamos dentro da sala de aula para o entendimento dos alunos que tinham dificuldade na disciplina, assim como eu", contou.

"Particularmente, sempre me inspirei em cientistas mulheres. Sempre achei suas histórias fantásticas e imaginei que algum dia eu poderia estar lá. Fazer parte desse projeto me mostrou que não era impossível", disse Lurdes Beatriz. A estudante diz acreditar que a sociedade tende a não encorajar mulheres a algumas áreas acadêmicas, "e os homens acabam sendo predominantes nessas áreas. Assim, ao ocuparem esses espaços, as mulheres poderão mostrar que são capazes de estar lá, estimulando as demais", completou.



Lurdes Beatriz

KATHERINE JOHNSON: A MULHER QUE NOS LEVOU À LUA PELA PRIMEIRA VEZ

Através de cálculos matemáticos, Katherine Johnson foi responsável por parte de um dos maiores acontecimentos da ciência espacial: a viagem do primeiro homem à Lua, na década de 1960. Apesar do nome de Neil Armstrong ser o mais conhecido quando se fala da temática, a conquista só foi alcançada pelo envolvimento de uma equipe maior. Katherine foi responsável pelos cálculos que garantiram a ida e a volta de astronautas em segurança. O feito é retratado no filme Estrelas Além do Tempo (2016).

Projeto do IFRN utiliza o cinema como plataforma de emancipação científica

Alunas do Campus Macau conhecem a trajetória de mulheres cientistas

Por Habyner Lima



Antonia Iasmim

A sétima arte é uma ferramenta amplamente utilizada no ensino para contar histórias e causar reflexões no público, além de ajudar a compreender as mais variadas temáticas. Com essa premissa, nasceu o projeto “As produções cinematográficas na promoção da inclusão da mulher na Ciência”, realizado no Campus Macau do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

MULHERES PROTAGONISTAS

A iniciativa vem sendo desenvolvida pelas estudantes Ramiiane Alessandra, Antonia Iasmim Carvalho e Mayara Priscila da Silva, tendo como coordenador o Professor Ítalo Nelson e cooperação da servidora técnica-administrativa em educação Robevânia Maracajá e da estudante voluntária Ludymilla dos Santos.

Mayara Priscila conta que a representatividade feminina é importante para incentivar mais mulheres a seguir seus objetivos, “porque é na pesquisa que encontramos mais diversidades, seja em filmes e até mesmo na ciência, onde diversos fatores levam a soluções”.

As atividades do projeto consistem nas exhibições de filmes com assuntos voltados ao protagonismo feminino na ciência, mostrando personalidades históricas da área que obtiveram sucesso em suas trajetórias. Recentemente, houve a exibição dos filmes “Estrelas além do tempo” e “Alexandria”. Ambas as produções cinematográficas têm como temática principal o protagonismo feminino, tendo como foco mulheres que buscam seu lugar em um espaço que, por muito tempo, foi majoritariamente ocupado por homens. Após a exibição das obras, foram realizados debates e a aplicação de questionários aos estudantes, objetivando ampliar a visão de cada participante sobre o tema proposto.

Antonia Iasmim, uma das pesquisadoras, relatou como está sendo a experiência no desenvolvimento das atividades do

projeto: “Esses filmes nos ajudam a demonstrar o protagonismo feminino e a força das mulheres na ciência; as obras foram pensadas para ilustrar essa temática”. Ela ainda relata que conhecer mais as histórias de vida dessas cientistas causa uma impulsão na produção de artigos e projetos científicos: “Conhecer a história de vida e os contextos dessas mulheres acaba nos inspirando”, ressaltou.

O projeto se debruça para envolver as bolsistas e as estudantes do Campus Macau do IFRN na cultura científica, conhecendo as trajetórias das cientistas que fazem parte da unidade do IFRN. O objetivo também é tornar a trajetória de mulheres cientistas conhecida na comunidade acadêmica, promovendo um aumento da participação feminina nos cursos da área de ciências naturais, principalmente, das exatas.



Mayara Priscila

PRIMEIRA DIRETORA NA INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA

Em 1895, quando os filmes retratavam apenas a vida cotidiana, Alice Guy-Blaché enxergou além. A francesa perguntou a seu chefe, o engenheiro e inventor Léon Gaumont, se poderia pegar uma câmera emprestada e gravar um filme de ficção, com base nos livros que lia. Pouco tempo depois, Alice lançou o filme “A Fada do Repolho”. A obra foi um fenômeno. A realizadora tornou-se, assim, a primeira cineasta e a primeira chefe de produção, sendo atribuída a ela mais de mil obras.

Projeto do IFRN traz reflexões sobre o totalitarismo

Estudantes do Campus Parelhas realizam pesquisa científica a partir da Filosofia e da Literatura

Por Henrique Monte



Joseane Lucena

As ciências humanas também são objetos de pesquisa científica. Os trabalhos que seguem essa linha abordam diversos temas, como a relação entre o homem e o ambiente ao seu redor e quais transformações podem surgir a partir dessa relação.

Um exemplo é o projeto “Filosofia e Literatura: reflexões sobre o totalitarismo”, desenvolvido pelas alunas Heloisa Silva, Joseane Lucena e Suyane Clarise, do Curso Técnico Integrado em Mineração do Campus Parelhas do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). As estudantes vêm realizando um estudo a partir da análise dos mecanismos e fatores, abordando as formas de manipulação ideológica, o que caracteriza os movimentos totalitários, e como eles podem influenciar na conduta humana.

PESQUISA HUMANA E CIENTÍFICA

A pesquisa é oriunda da dissertação de mestrado do coordenador do projeto, professor Rodolfo Rodrigues, e tem como base as obras dos filósofos Hannah Arendt e Eric Voegelin. Com o surgimento do projeto, foi priorizada a obra da filósofa alemã, acrescentados os escritos de George Orwell, pseudônimo do inglês Eric Arthur Blair.

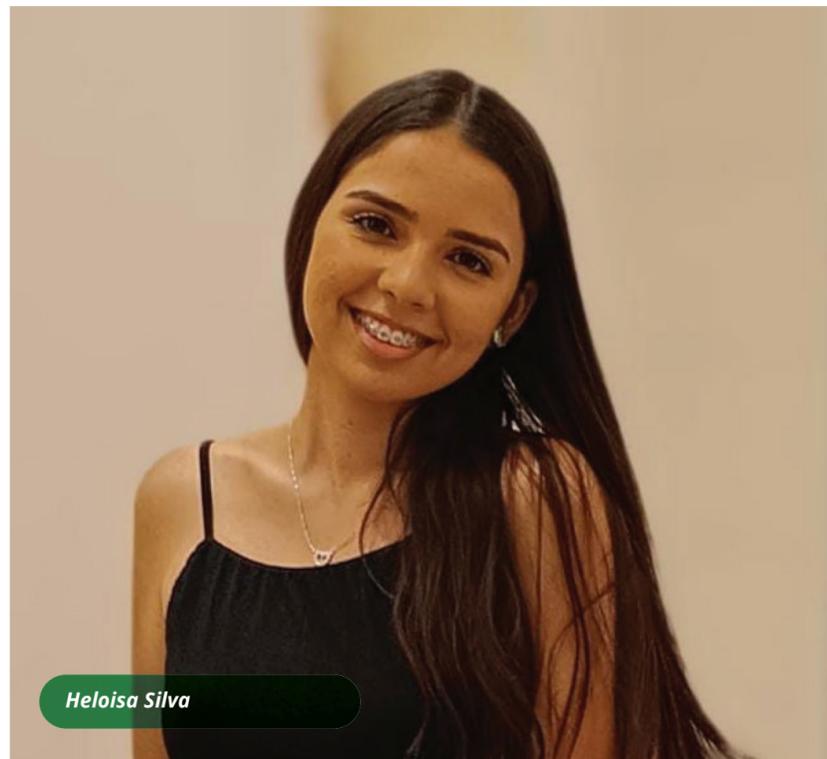
Heloisa Silva define Hannah Arendt como uma importante voz para o entendimento das estudantes sobre os movimentos totalitários. A estudante explica que “o conhecimento a respeito desses mecanismos de manipulação ideológica faz com que o indivíduo saiba identificar esses traços na sociedade que vive. Trabalhos dessa natureza são como uma ferramenta de combate às ideologias totalitárias.”

A estudante Joseane, também pesquisadora do projeto, vê a ocupação de mais mulheres no ambiente científico como uma conquista importante. Para ela, o fato garante que as perspec-

tivas, necessidades e preocupações de pesquisadoras sejam levadas em conta na produção de conhecimento. “Quando as mulheres têm uma participação ativa e equitativa na pesquisa, isso garante que as questões relacionadas a desigualdades de gênero sejam adequadamente abordadas e que soluções eficazes sejam encontradas para essas questões”, afirmou.

Foram os elementos ideológicos dos movimentos totalitários no contexto político que levaram o professor Rodolfo Rodrigues a desenvolver a dissertação que deu origem ao projeto. “Entendi que devia desenvolver um projeto de pesquisa para que, diante das discussões desenvolvidas, os estudantes pudessem identificar as características e estratégias de manipulação ideológica das ideologias totalitárias para reconhecer esses instrumentos em seu próprio entorno político social”.

O projeto ainda está em desenvolvimento, além das leituras sobre “Eichmann em Jerusalém”, de Hannah Arendt, ele também conta com as obras “1984” e “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, e “Modernidade Líquida”, de Zygmunt Bauman. O grupo apresentou o projeto no VIII Congresso Nacional de Educação (Conedu) e teve o trabalho publicado nos anais do evento, na forma de resumo expandido.



Heloisa Silva

QUEM FOI HANNAH ARENDT

Johanna Arendt nasceu em Hannover, Alemanha, em 1906. Judia, Hannah Arendt, como era mais conhecida, foi uma filósofa e teórica política. Sua pesquisa pelo totalitarismo foi motivada por sua própria vivência dos horrores da perseguição nazista. Em 1939, foi mandada para um campo de concentração, onde ficou por alguns meses. No início da década de 1960, Hannah foi a Israel para acompanhar o julgamento do militar nazista Adolf Eichman, a serviço da revista The New Yorker. Seus escritos resultaram no livro “Eichman em Jerusalém”, em que aborda o conceito de “Banalidade do Mal”.

Projeto democratiza o acesso ao ensino científico para rede pública

Alunas do Campus Santa Cruz são protagonistas na produção de conhecimento

Por Habyner Lima



Lizandra Magna



Eloiza Araújo



Amanda Samara

Nos últimos anos, a educação pública brasileira sofreu com cortes orçamentários e com a iminência de ter seu pleno funcionamento. Em contrapartida a todo esse cenário, alunas do Campus Santa Cruz do IFRN criaram o projeto “Produção de vídeos de experimentos de eletromagnetismo com fins didáticos”. A ação tem como objetivo democratizar o ensino científico através da produção de vídeos, com experimentos de eletromagnetismo, tendo enfoque didático para o ensino de Física destinado ao ensino médio.

A ação é fruto do trabalho majoritariamente feminino, tendo como desenvolvedoras as estudantes Amanda Samara, Andreia Rafaela, Lígia Maria, Lizandra Magna e Eloiza Araújo, e coordenada pelos professores Roney de Melo e Jardel Bonfim.

“Todo o material produzido é disponibilizado em mídias digitais através da internet, para o acesso de jovens de todo país. Em todo território nacional, milhares de escolas do ensino público não possuem laboratórios voltados para os experimentos de Física ou, em muitos casos não, têm os materiais adequados para a realização das aulas experimentais”, declarou a estudante e pesquisadora Lizandra Magna.

Para a também pesquisadora Eloiza Araújo, as mulheres foram julgadas, por muito tempo, como incapazes e incompetentes naquilo que faziam. Ela complementa afirmando que, embora, hoje, ainda existe esse preconceito por parte da sociedade, “é possível ver que as mulheres, cada dia mais, vêm ocupando seu espaço na ciência. Essa participação é muito importante, pois estimula mais meninas a participarem e se tornarem cientistas. Mostra também que somos capazes de fazer tudo que queremos, basta estarmos dispostas a lutar para alcançar nosso reconhecimento”, destacou a estudante.

FUTURO DO PROJETO

A ação resultou em experimentos disponíveis para a utilização no Laboratório de Eletromagnetismo do Campus Santa Cruz do IFRN, além dos vídeos publicados no YouTube e um ebook, que está sendo finalizado e, em breve, será disponibilizado para acesso.

Quanto aos próximos passos, a estudante Lizandra Magna revela que há a possibilidade de desenvolvimento de um novo projeto com o mesmo objetivo, porém explorando outras áreas, como mecânica, fluidos, termodinâmica, ondas e óptica. “Com isso, além do material produzido, também conseguimos divulgar o que é possível produzir nos laboratórios de Física do IFRN”, finalizou.

BRASILEIRA AO LADO DE EINSTEIN E DARWIN

A brasileira Angela Villela Olinto é física, professora da Universidade de Chicago (UChicago), nos Estados Unidos, e reitora da Divisão de Ciências Físicas e Matemática da UChicago). Além disso, a cientista faz parte da Academia Americana de Artes e Ciências, ao lado de nomes como Albert Einstein, Charles Darwin, Martin Luther King, Nelson Mandela e outras personalidades. Angela construiu sua carreira com pesquisas sobre o estudo das estrelas de nêutrons, natureza da matéria escura e outras importantes contribuições sobre astropartículas.



Elizama Lemos

Doutora em Tecnologias e Sistemas de Informação pela Universidade do Minho (UMinho), de Portugal

As vivências de Elizama Lemos, integrante do corpo docente do Campus Natal - Zona Leste, foram marcadas por dificuldades durante toda sua trajetória. A servidora precisou, além de estudar e concluir sua formação profissional, trabalhar para continuar sua caminhada.

A professora acredita que, apesar das áreas ligadas à ciência estarem sendo ocupadas majoritariamente por homens, as mulheres precisam avançar e ocupar ainda mais espaços.

Durante sua trajetória acadêmica, Elizama passou por situações impactantes, de forma negativa, pelo fato de ser mulher, porém, não se deixou abalar e continuou sua caminhada. Em entrevista, a professora salienta e reafirma que o lugar da mulher é onde ela quiser.

O papel da mulher na produção de ciência é necessário e um dos principais ideais da servidora. Às novas pesquisadoras, cientistas e mulheres revolucionárias, a docente é realista, entretanto, as encoraja: "Não será fácil, mas, quando a vitória chegar, você vai perceber que valeu a pena toda a luta!", contou.

Pela Assessoria de Comunicação Social e Eventos do IFRN

É do bairro Nossa Senhora de Nazaré, da comunidade de Beco da Vaca, periferia de Natal/RN, que vem Rebecka de França. Mulher travesti e ativista dos direitos humanos da população LGBTQIA+, Rebecka é coordenadora-geral da Associação de Travestis e Transexuais Potigueses na Ação pela Coerência no Rio Grande do Norte (Attransparencia-RN).

A pesquisadora concluiu todo o ensino fundamental e médio em escola pública. Como travesti, enfrentou dificuldades para entrar no mercado de trabalho, chegando a cursar o ensino médio duas vezes, por não conseguir emprego. Em 2014, fez parte do grupo de 99 pessoas trans de todo o Brasil que utilizaram, pela primeira vez, a Política do Nome Social no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Assim, ingressou no ensino superior. Formou-se em Licenciatura Plena em Geografia no Campus Natal - Central do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Depois, partiu para a Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Seminário, no Campus João Câmara do IFRN e, recentemente, concluiu o Mestrado Profissional em Ensino da Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Durante a graduação, Rebecka realizou pesquisas sobre Gênero, Diversidade e LGBTfobia no RN. Na especialização, a interpretação do Semiárido Nordeste através da Linguagem Imagética foi seu objeto de estudo. As pesquisas não pararam por aí: durante o mestrado, pesquisou sobre a regionalização do Brasil através da música.

Ao longo de sua trajetória, Rebecka recebeu cinco homenagens pelos trabalhos prestados à cidade de Natal, pela Câmara Municipal da cidade, além de receber uma Comanda Câmara Cascudo, pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte.

Por Rebecka de França



Rebecka de França

Mestre em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Natália Cavalcanti
Doutora em História pela
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

“Nordestina tem dessas coisas, resistente que nem um cacto”. Sheyla Lucena, doutora em Ciências Biológicas, relata que nem mesmo as dificuldades foram suficientes para desistir do fazer ciência. Nascida em Caicó, interior do Rio Grande do Norte, Sheyla vem de um berço familiar que sempre valorizou a educação, acreditando no papel de agente transformador que ela proporciona. Durante sua trajetória, o papel de produzir ciência esteve como desafio diário, relata a professora: “uma vida inteira dedicada à pesquisa, e até hoje estou sempre aprendendo coisas novas”.

A desigualdade acerca da presença do protagonismo feminino na ciência ainda é sentido nos dias de hoje, apesar dos avanços, tendo uma longa jornada pela frente. “Em pleno 2023, ainda precisamos falar sobre igualdade salarial para homens e mulheres que exercem a mesma função. Até o momento, somos minoria não só na ciência, mas em diversas áreas”, afirmou a professora. Ela ainda dá dicas para as gerações femininas que estão chegando ao meio acadêmico: “busquem parcerias, não queiram fazer tudo sozinhas, estejam atentas às oportunidades, e ao entrar em algum lugar, seja profissional. Zele pelo seu nome, caso algum dia vocês precisem retornar”.

“Não podemos desistir no primeiro obstáculo. Na ciência e na carreira de docente superior, ainda somos minoria. Nesse sentido, precisamos incentivar o desenvolvimento de mulheres cientistas em determinadas áreas. Neste momento, inclusive, gostaria parabenizar a iniciativa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Propi/IFRN), que vem lançando editais específicos para seleção de projetos de mulheres na área de Ciências Exatas. São iniciativas como essa que representam “passos reais” na nossa longa jornada”, finalizou a doutora.

Por Sheyla Lucena

Mãe de dois meninos, Miguel, 8 anos, e Joaquim, 3 anos e 10 meses. Como muitas mulheres acadêmicas, tanto o casamento quanto a maternidade só foram considerados em minha vida após os trinta anos, com a conclusão do mestrado e doutorado em História. Em 2013, com trinta e dois anos, casei-me e a “Natália Barros” passou a assinar “Natália Cavalcanti”. Com a aprovação do meu marido em concurso para docente no IFPA e sua ida em 2014 para Belém, solicitei redistribuição da UFPE.

A partir de 2015, momento de chegada no IFPA, coincidiu com o nascimento do meu primeiro filho. Em outubro de 2018, quando não esperava mais viver novamente a experiência de ser mãe, descobri que estava grávida. Eu tinha acabado de ser credenciada como docente permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (Profpept). Ser docente de pós-graduação stricto sensu era um sonho, mas confesso que ao descobri a gravidez, fiquei assustada e com medo de não dar conta das exigências.

Conciliar trabalho e maternidade é um desafio enorme, não apenas pela sobrecarga de atividades em âmbito doméstico historicamente reservadas às mulheres, mas por um conjunto de estereótipos e estigmas que a trabalhadora que é mãe enfrenta cotidianamente. Inicialmente, no IFPA, eu era “a mulher do professor Francisco”, depois eu era “a mãe do Miguel”, referências que concorriam para que minha identidade como docente e pesquisadora fossem pouco visíveis no meu novo ambiente de trabalho.

Como a maioria das mulheres, após o nascimento do primeiro filho, tive que arduamente reconstruir minha identidade profissional e mostrar minhas habilidades e competências. A partir dessas experiências que me atravessavam, debruicei-me em perspectiva histórica e antropológica sobre humanização do parto, a maternagem e o mundo do trabalho. O resultado foram projetos de iniciação científica desenvolvidos entre 2016 e 2018, com bolsas e financiamento institucionais.

Por Natália Cavalcanti



Sheyla Lucena
Doutora em Ciências Biológicas pela
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)



DIABÓLICA YAOIS,
estudante do
Campus Natal - Central

Deste sangue que menstrua a dor e a (des)esperança

Sangram a dor cólica aguda, durante três dias ou quase infinita, e se vê em apuros consigo próprio

Remoendo as marteladas a prego dentro do ventre, mas que vêm na face contorcida na angústia e na ira.

Deste sangue fino, líquido e grosso aparenta lembrar uma maldição, mas, não tão amaldiçoada no final

Por pedaços mortos do que nunca foi ocupada, ainda, pelo indivíduo protegido por nove meses

Por pedaços mortos do que foi ocupada e perdida, mas que a sensação de ter carregado o protegido fora anestésico por um momento

(Não se tenha um preconceito em falar do protegido que voou de seu ninho quente, agora ele vive eternamente pelo azul do céu e nuvens fofas como teus braços)

Apenas um doce pode acalmar, apenas um respiro pode irritar, apenas lágrimas podem fragilizar

Deste furacão emocional é um desafio durante a vida, até que acabe de vez

Deste sangue que menstrua a dor e a (des)esperança.

E naquele exato momento, ainda como uma criança, deixei inesperadamente ecoar não mais outra pergunta, mas um grito de alegria no silêncio de cada lágrima que escorria por meu rosto. Meu diploma, meu em cada centímetro daquele papel A4, estava agora exposto, não em uma parede, mas nas mãos daquela que o construiu com seu próprio esforço. E sem dúvida, essa foi a melhor resposta que eu poderia ter.



CAALVES
(CATARINA ALVES),
estudante do
Campus Ceará-Mirim

A dança das borboletas

em meu caminho curvado
voava lado a lado um casal de borboletas amarelas
que o vento insistia em levar para o lado oposto
me prendeu a atenção todo aquele fervor de asinhas a bater
a alegria ou a agonia do amarelo
era belo de se ver
e lembrou-me as do meu estômago
que há tempos não sentia
e ainda não sinto
minto se disser que tenho saudades das mentiras que alimentava o bater daquelas
asas
até hoje me pergunto: de qual cor será que eram?

Café com gosto de saudade

gosto do seu gosto amargo que afasta gente café com leite
gosto que fixa na boca e na memória
tira meu sono, me faz acordar
e em excesso até delirar.
você tem noção?
que quase me mata do coração?
podia parar de te beber, tentar te esquecer
mas tem um problema.
sou viciada em você.
eu até tento, eu juro que eu tento.
mas a cada gole que dou,
minha sede aumenta,
o meu corpo esquenta e eu percebo que nada mudou.



CAALVES
(CATARINA ALVES),
estudante do
Campus Ceará-Mirim

Capa dura

um dia eu disse que nunca leria este livro.
mesmo sem sequer ter visto além da capa..
ele era bonito, logo, atrativo aos olhos,
parecia interessante..
mas eu tinha medo de ler e não gostar,
tinha medo de começar e não terminá-lo,
tinha medo de passar os olhos por cima
das palavras sem senti-las de fato.

mas a cada vez que eu olhava,
eu sentia vontade de lê-lo,
de devorar cada página,
cada linha, cada letra,
vírgula e ponto final..

e eu não resisti às tentações de suas cores
e da forma como me chamava atenção..
me deixando curiosa e ao mesmo tempo
com o mesmo medo da primeira estrofe.

eu fui além do título
do autor, da editora
e até as primeiras páginas que não me inte-
ressam e que me fazem pular direto pro
conteúdo principal
eu li.

e diante delas, eu vi que não era só a capa
que continha toda beleza.

eu podia parar por aqui, nesse ponto final,
já seria um ótimo e satisfeito final,
mas eu não parei nas páginas que eu não
gostava de ler
eu continuei passando as folhas e tentando
lê-las como me propus a ler.

e já em seu meio
eu me perdi.

“o que é que eu tô fazendo aqui nesse
embaralhado de palavras confusas?”

lembrei, que foi você
doce curiosidade..
a mesma que matou o gato
foi quem me trouxe pra cá
se ela matou um ser de 7 vidas,
porque não mataria a mim?
que só tenho uma..

calma leitor, eu não morri ainda, ainda..
eu não morri ainda porque já estou morta.

e se por um momento pensei ao contrário
disso
me enganei demasiadamente.

apesar da confusão ali,
me dei conta de onde estava.

me achei.
ou nunca me perdi nas suas palavras.
eu terminarei de ler você
mas não com os mesmos olhos com que
comecei.

o meio dessas páginas me trouxe uma sur-
presa que mudou totalmente a minha forma
de te olhar.

seu título e capa
continuam me chamando atenção.
uma pena que não é dá mesma forma de
antes,
ou de um jeito melhor.

eu terminarei de ler você
não por obrigação mas,
só porque me propus a ler e aceitar o impre-
visível dessas páginas.

disse que devoraria cada página, linha, letra,
vírgula e ponto final deste livro.
e vou.

mesmo que o sabor não seja o que eu real-
mente esperava ou merecia sentir.

eu terminarei de ler você.
só pra nunca mais ter vontade de te ler
de novo.



Vida em ruínas

ILUSTRAÇÃO:

CAALVES
(CATARINA ALVES),
estudante do
Campus Ceará-Mirim





VIVIANE MORESCHI,
estudante do
Campus Natal - Zona Leste

À Sombra do Grande Artista...

Ele pensou, sonhou. Seu coração pleno de amor, pincelou com as mãos na brilhante aquarela, as mais belas e inimagináveis cores, criou. Do jeitinho que a Grande Arte se revelou e iniciou.

Cantos angélicos embalavam o Grande Artista, que, inspirado, deu formas, ruídos, cores esplêndidas, cheiros, penas, folhas, flores, células, umidade, luz... Mas, inspirado por aquele amor que explodia em seu misterioso coração, viu que algo faltou.

Desenhou, pintou, formou, a vida soprou e o respirar, iniciou. Ensinou, amou. Muito amor gerou e uma auxiliar lhe doou, da costela que lhe tirou, do sono que tocou. Que grande esplendor!

O canto se aprofundou, o céu brilhou, aqueceu. A água os refrescou e a criação os alimentou. O pão ofertou, fortaleza lançou. Nada faltou. No jardim habitavam e lá se alegravam. Era tudo para eles.

O Grande Artista avisou e indicou. O coração desviou. Oh! grande ingratidão.

Da sombra refrescante se retiraram. Da sombra das grandes asas, os passos vacilantes se afastaram. O Grande Artista, entristeceram.

Jardim fechado, grande lamento cantado...



MARIA JOSILENE SILVA DOS SANTOS
estudante do
Campus Natal - Central

E se... Um futuro cheio de questionamentos

Eu passo a maior parte dos meus dias me questionando se estou fazendo as escolhas certas, se estou no caminho certo, se estou sendo justa comigo mesma, se o que estou fazendo é algo para agradar a mim ou a outra pessoa. Tá, mas e se eu estiver fazendo as escolhas erradas? E se eu estiver no caminho errado? E se eu estiver convivendo com pessoas que não me agregam? Será que posso correr atrás do que foi perdido? Será que posso encontrar o meu caminho? Será que posso fazer as escolhas por mim? Ou será que vou viver me lamentando a vida toda? Eis a questão.

O futuro sempre foi uma questão muito duvidosa. Eu sempre fui uma criança de sonhar muito, sonhar grande, sonhar alto... O futuro é meio incerto e duvidoso, mas tem uma coisa que é certa: Nunca deixe de sonhar e correr atrás do seu propósito.

O futuro chega a dar medo em diversas pessoas. Eu confesso, eu tbm tenho medo.

E se o meu futuro contradizer com o que eu quero? Tá, mas e se não contradizer? Eis a questão. A gente passa a maior parte da nossa vida se lamentando pelo o que a gente não fez e esquece de viver o presente e fazer as escolhas certas e justas.



M. F. FONSECA
(**MARIA DE FÁTIMA DA**
FONSECA LOPES),
estudante do
Campus Ipanguaçu

Particularmente pública

Novamente estava dentro de um carro que a levava para o mesmo buraco que ela não queria ir, novamente com os mesmos medos lhe apertando por dentro, novamente sozinha e presa a esse constante tormento. Se morresse agora e fosse para o inferno certamente o seu castigo seria aquele: revive diversas vezes a dor de ser mulher. Parece que a vida gostava dessa comédia melodramática em que a mulher tende a voltar ao passado e reviver seu complexo inferior de sem teto. Abusada. Humilhada. Constantemente reduzida.

Dessa vez não era uma carro caindo aos pedaços, dessa vez era um automóvel arrumado, dessa vez o frio que sentia em seu corpo era por causa do ar condicionado, e não do desespero de se encontrar sozinha em um beco com o risco de encontrar um homem. Disso ela se orgulhava: estava ansiosa, com medo e receios – mesmo assim – não estava em desespero. Havia pegado trauma dessa palavra. Quantas vezes em seu passado havia entrado em desespero e chorado por longas horas? Quantas vezes acusada de se colocar como vítima sem ter a chance de se defender? Muitas e muitas vezes.

Fez o que tinha que fazer. Ainda teve tempo de admirar o seu Eu Antigo e percebeu que em alguns casos tinha bom gosto. Deixou que as lágrimas ficassem guardadas, pois havia virado adulta. Lembrou-se daquela escritora, daquela que um dia disse que não se nasce mulher, se torna... enfim, como todas as intelectuais o seu nome é pouco lembrado. Os seus cabelos estavam longos e com uma textura diferente, se olhou no espelho do banheiro e tomou um susto. Havia mudado. Como pode? Estava enfrentando seus piores pesadelos e além disso expandia uma força. Assim, se recordou da vez que sua mãe lhe disse que a força vem embutido no sexo feminino, da vez que viu a mesma defendendo o seu pai após os abusos constantes, da violência que era jogada contra si... muitos chamariam de guerreira por ter sobrevivido isto ou aquilo, mas para ela ser guerreira é uma palavra para qual a sociedade dos homens brancos usam para tentar administrar sua vida particularmente pública. A viagem de retorno seria ainda mais pesada.

Voltou para o mesmo carro, percorreu o mesmo caminho, se viu orgulhosa e ainda assim medrosa. Tinha tantas marcas profundas que não saberia organizá-las na ordem certa – se é que existe ordem certa. Em alguns segundos atrás havia deixado uma estória que não era mais sua, rascunhos de sonhos que jamais poderia realizar, objetos e objetivos que ficariam marcados na vida... a sua vida. O enredo de uma mulher que tentava se erguer do papel que a sociedade havia lhe colocado: a vilã da história.



NATHALIA CHUNG
estudante do
Campus Natal - Central

Bela mulher

Que bela mulher,
Não é uma qualquer.
Que bela mulher,
Pode fazer o que quiser.
Que bela mulher,
Aquela que diz o que quer.
Que bela mulher,
Aquela que age como ela é.
Que bela mulher,
Aquela que fica bela em roupas quaisquer.
Que bela mulher,
Aquela que não escuta uma palavra contra ela sequer.
Que bela mulher,
Aquela que segue seu coração.
Que bela mulher,
Que brilha até na escuridão.
Que bela mulher,
Aquela que se diverte até na solidão.
Que bela mulher,
Aquela que sabe o poder de um não.
Que bela mulher,
Aquela que pula de felicidade no seu colchão.
A bela mulher, merece ser admirada,
E mesmo descabelada,
Se encontra a mais bela das vistas que já foram apreciadas,
Pena que às vezes,
Esquece o quanto é amada,
E fica amargurada,
Totalmente machucada,
Tem sua voz silenciada,
E o céu fica sem nada,
Os pássaros não cantam sua música cantada,
As flores ficam todas fechadas,
O vento sopra uma brisa gelada.
Preste atenção, mulher,
Lembre-se, mulher,
O mundo para sem ti, mulher,
Porque mulher nunca será uma qualquer,
Sempre será mulher,
E apenas mulher.



**ILANE FERREIRA
CAVALCANTE**

professora de Língua
Portuguesa e do Programa
de Pós-graduação em
Educação Profissional
(PPGEP) do IFRN

Maternidade

Não sei andar de bicicleta

Não sei nadar

Nunca escalei montanhas

Nunca mergulhei no fundo de mares ou lagos

Mas cato os grãos

que alimentam os dias

Guardo os panos

que branqueavam no varal

Distribuo sementes nos leitos de terra

e adorno de cores os pratos

Aplico unguentos nas feridas dos filhos

Mergulho em seus medos, sofro suas dores

Muitas vezes, recolho lágrimas

e contendo em sussurros as armas

Depois

construo caramelos e caldas

asso tortas e pudins

para alegrar as horas

E, sempre, aguardo o milagre

a aventura diária da vida.



**GLEYZE DE ANDRADE
SILVA**

coordenadora de Gestão
de Pessoas do
Campus Ipanguaçu

Prece Ajude a Mulher

Em comemoração ao mês da mulher

Eu lanço a minha canção

Que fiz de todo o meu coração

Pra quem merece um mundão

Tô falando daquela que nos põe no prumo

E nos cria pra seguir nosso rumo

A que nos envolve de amor

Mas também corrige pra não termos dor

Aquela que abdica de tudo

Quer nos dar o mundo

A que não solta nossa mão

Se precisar está de prontidão

Aquela que nós podemos contar

A qualquer hora podemos ligar

Se alguém assumiu o seu lugar

Esse também não deixou nada faltar

Pra você hoje quero fazer uma prece

Deixe de dar trabalho seu peste

Ela já tem muito com que se preocupar

Vá logo ela abraçar

Quando ela estiver cansada

Lhe faça os braços descansar

Um bom cafuné pode acalmar

E da tristeza libertar